



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUAS E LITERATURAS NA EDUCAÇÃO  
BÁSICA**

**RANIELE MARQUES DA SILVA**

**ENSINO E INTERDISCIPLINARIDADE: O DIÁLOGO ENTRE LITERATURA  
E GEOGRAFIA EM POEMAS DE FLORBELA ESPANCA**

**GUARABIRA - PB  
OUTUBRO DE 2020**

RANIELE MARQUES DA SILVA

**ENSINO E INTERDISCIPLINARIDADE: O DIÁLOGO ENTRE LITERATURA  
E GEOGRAFIA EM POEMAS DE FLORBELA ESPANCA**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura, juntamente ao Departamento de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica.

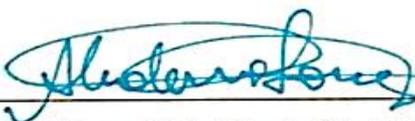
**Área de Concentração:** Língua e Literatura.

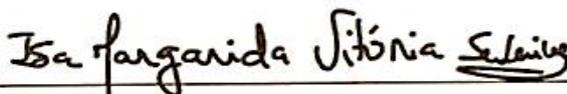
**Linha de Pesquisa:** Ensino de Literatura.

Data da avaliação: 01/10/2020

Nota: 9,5

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª. Dra. Aldinida de Medeiros Souza (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª. Dra. Isa Margarida Vitória Severino (1.ª Examinadora)  
Instituto Politécnico da Guarda (IPG)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza (2.ª Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

E expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Raniele Marques da.  
Ensino e interdisciplinaridade [manuscrito] : o diálogo entre literatura e geografia em poemas de Florbela Espanca / Raniele Marques da Silva. - 2020.  
25 p.  
Digitado.  
Monografia (Especialização em Ensino de Língua e Literaturas na Educação Básica) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.  
"Orientação : Profa. Esp. Aldinida de Medeiros Souza, Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Interdisciplinaridade. 2. Ensino. 3. Literatura. 4. Geografia. 5. Florbela Espanca. I. Título  
21. ed. CDD 910

## RESUMO

O contexto globalizado no qual estamos inseridos fornece uma grande demanda de informações que, precisam estar conectadas para fazer significar em nosso cotidiano. No âmbito escolar, o método de ensino-aprendizagem é centrado na explanação de disciplinas isoladas que não promovem a contextualização dos conhecimentos adquiridos. Uma das possibilidades para minorar essa disciplinarização será efetivar o diálogo entre as disciplinas. Dessa forma, a presente pesquisa objetiva ressaltar a importância da prática interdisciplinar como ferramenta didática para reagir contra a fragmentação do conhecimento. À vista disso, analisaremos os poemas “A nossa casa” (1931), “Minha terra” (1931) e “Paisagem” (1999), da autora Florbela Espanca; para evidenciar as possibilidades de diálogo entre a Literatura (poesia) e a Geografia (aspectos do espaço), contribuindo, assim, para a realização de práticas interdisciplinares na Educação Básica, especificamente, nas turmas do Ensino Médio. Como referencial teórico, a presente pesquisa teve como pilar as contribuições de Hilton Japiassu (1976) e Ivani Fazenda (2008, 2014), no que tange a compreensão da interdisciplinaridade como elemento fundamental na busca pela superação da divisão do conhecimento; Yi-Fu Tuan (1974, 1976), ao abordar a vertente humanista da Geografia, que visa a compreensão dos aspectos subjetivos dentro da ciência geográfica; e Gaston Bachelard (1979), ao refletir poeticamente sobre os espaços singulares que denotam valor para o indivíduo, sendo esta abordagem o ponto de partida para a articulação entre a Literatura e a Geografia ao investigar o mesmo objeto. Do ponto de vista metodológico, tratou-se de uma pesquisa bibliográfica, cuja investigação voltou-se para a análise de aspectos subjetivos, interpretação dos dados e descrição de fenômenos. Os resultados apontam para a compatibilidade que ambas as disciplinas possuem através da exploração do espaço que, outrora, era analisado apenas sob o enfoque científico. Singularizando o espaço através de elementos subjetivos, pretendemos resgatar o conceito e expandi-lo de forma que instigue a reflexão acerca da nossa relação com o mundo, não apenas sobre o modo como agimos, mas também, como reagimos em determinados espaços que são singularmente significativos.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade. Ensino. Literatura. Geografia. Florbela Espanca.

## ABSTRACT

The global context in which we are inserted offers a great demand for information that needs to be connected to make it meaningful in our daily lives. In the school context, the teaching-learning method is focused on explaining subjects that do not promote the contextualization of acquired knowledge. One of the possibilities to reduce this disciplinarization will be to carry out the dialogue between the disciplines. Thus, this research aims to highlight the importance of interdisciplinary practice as a didactic tool to react against the fragmentation of knowledge. In view of this, we have analyzed the poems *Our house* (1931), *My land* (1931) and *Landscape* (1999) by the author Florbela Espanca, to highlight the possibilities of dialogue between Literature (poetry) and Geography (space's aspects), thus, contributing to the interdisciplinary practices in Basic Education, specifically in High School classes. As a theoretical framework, this research has been based on the contributions by Hilton Japiassu (1976) and Ivani Fazenda (2008, 2014), regarding the understanding of interdisciplinarity as a fundamental element in the search for overcoming the division of knowledge; Yi-Fu Tuan (1974, 1976), when addressing the humanist aspect of Geography that aims at understanding subjective aspects within science; and Gaston Bachelard (1979), when reflecting poetically on the singular spaces that denote value to the individual, this approach being the starting point for the articulation between Literature and Geography when investigating the same object. From a methodological point of view, it has been a bibliographical research, whose research has been investigated for an analysis of subjective aspects, interpretation of data and description of phenomena. The results point to the compatibility that both disciplines have through the exploration of the space that was once analyzed only under the scientific focus. Singularizing space through subjective elements, we have intended to rescue the concept and expand it in a way that instigates a reflection about our relationship with the world, not only about the way we act, but also how we react in certain spaces that are singularly meaningful.

**Keywords:** Interdisciplinarity. Teaching. Literature. Geography. Florbela Espanca.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>2 ENUNCIACÕES SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE .....</b>	<b>08</b>
<b>2.1 Interdisciplinaridade como ferramenta didática .....</b>	<b>10</b>
<b>2.2 Literatura e Geografia: um elo possível .....</b>	<b>13</b>
<b>3 ANÁLISES E DISCUSSÕES .....</b>	<b>15</b>
<b>3.1 Algumas notas sobre a autora .....</b>	<b>15</b>
<b>3.2 Diálogo entre Literatura e Geografia .....</b>	<b>18</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em virtude da importância que a escola exerce no seio da sociedade, os sistemas escolares são constantemente alvo de avaliação e discussão em todos os seus níveis, principalmente no que se remete à Educação Básica. Assim, muitas são as propostas que surgem para serem implantadas visando uma melhoria na qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Todavia, o que sucede é que, muitas vezes, não nos perguntamos se a escola tem respondido às reais demandas dos alunos.

Desta feita, constata-se, geralmente, na Educação Básica – alvo desta pesquisa – que os conteúdos são transmitidos aos alunos de uma maneira repetitiva e homogênea, gerando uma carência da integração e comunicação entre as diversas disciplinas. Concordamos com a afirmação de Morin (2000) ao dizer que a fragmentação das disciplinas permite a diluição do saber científico, que as disciplinas deveriam buscar a comunicação entre as várias áreas para que proporcionem a capacidade de contextualização e integração do conhecimento. Dessa forma, o autor ainda afirma que:

A supremacia do conhecimento fragmentado de acordo com as disciplinas impede frequentemente de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, em sua complexidade e no seu conjunto. Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo é necessário a reforma do pensamento (MORIN, 2000, p. 14).

Portanto, ao analisarmos o atual paradigma social, constatamos que a escola, enquanto formadora de cidadãos, não pode manter um ensino no qual os sujeitos exerçam um papel passivo no que se remete ao conhecimento. Todavia sua função é preparar seres ativos na construção desse conhecimento e, isto significa romper os limites colocados por uma determinada disciplina escolar.

Diante deste cenário, pretendemos trazer luz sobre a importância da interdisciplinaridade como proposta de intervenção educativa. Comumente vista como uma intersecção entre as disciplinas, a interdisciplinaridade chegou ao Brasil na década de 1970 com Hilton Japiassu em sua obra *Patologia do Saber* (1976). Desde essa época, o tema da fragmentação do conhecimento vem sendo discutido e o cruzamento entre as disciplinas apontado como uma melhor forma de ensino. No Brasil, porém, esse método é ainda pouco aplicado.

Em contrapartida, temos o exemplo da Finlândia, que há alguns anos é uma referência mundial no que se refere à qualidade de educação, e um dos métodos que ocasionam esse

sucesso é justamente o ensino contextualizado e interdisciplinar. A previsão é de que muito em breve a Finlândia irá tornar-se o primeiro país do mundo com a educação totalmente focada no ensino interdisciplinar. Assim, de acordo com Marjo Kyllonen<sup>1</sup>:

Nós realmente precisamos repensar a educação e reprojeter nosso sistema, para que ele prepare nossas crianças para o futuro com as competências que são necessárias para o hoje e o amanhã. Nós ainda temos escolas ensinando à moda antiga, que foi proveitosa no início dos anos 1900 – mas as necessidades não são mais as mesmas e nós precisamos de algo adequado ao Século 21.

Ao levamos em consideração o exposto acima, vemos que, o sistema de educação finlandês tem modernizado o aprendizado ao abordar a compreensão dos fenômenos como um todo e não de forma fragmentada. Essa proposta objetiva preparar os alunos para o mundo contemporâneo, em que os cidadãos necessitam utilizar as linguagens das diferentes ciências para resolver problemas cotidianos.

Compreendida a necessidade de um ensino que seja capaz de ampliar as possibilidades de compreensão da realidade, ao longo deste trabalho, evidenciaremos a importância da intersecção entre as disciplinas como resposta à essa problemática. Visto que, a transmissão isolada dos conteúdos, muitas vezes, funciona apenas para fornecer informações com uma metodologia focada na repetição. Todavia, não se solidificam e não geram criticidade nem competências que permitam ao aluno aplicar a aprendizagem adquirida de forma real.

Destarte, sobre uma visão dialógica entre os conteúdos, Roland Barthes (1978, p. 17) afirma que: “A literatura assume muitos saberes [...] Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.” Fica clara, assim, a importância que a Literatura exerce, pois promove no homem o desenvolvimento da sua intelectualidade, bem como uma maior integração com a realidade que o cerca. Conseqüentemente, temos a partir da Literatura, uma possibilidade de diálogo interdisciplinar.

Estes pressupostos interdisciplinares e essas questões norteiam o presente trabalho que objetiva analisar alguns poemas da autora Florbela Espanca (1894-1930), para evidenciar de que forma a prática de ensino heterogênea – especificamente o diálogo entre a Literatura (poesia) e a Geografia (aspectos do espaço) – pode contribuir para a realização de práticas interdisciplinares na Educação Básica, com ênfase de aplicação nas turmas do Ensino Médio.

---

<sup>1</sup> Secretária de educação da cidade finlandesa de Helsinque (2004-2020). Para mais informações, consultar: <https://www.maxfranco.com.br/turismo/educadores-pelo-mundo-finlandia-2020>

O referencial teórico desta pesquisa teve as basilares contribuições de Hilton Japiassu (1976) e Ivani Fazenda (2008, 2014), no que se refere a abordagem da interdisciplinaridade com ênfase na conceituação e aplicabilidade dessa temática; Yi-Fu Tuan (1974, 1976), ao explanar os laços entre o homem e o meio ambiente fundamentado na vertente humanista da ciência geográfica; e Gaston Bachelard (1979), ao analisar os espaços a partir de uma base fenomenológica, sendo esta percepção crucial para a articulação entre a Literatura e a Geografia. Ademais, para fins didáticos e com o intuito de dinamizar a leitura da presente pesquisa, – visto que se trata de um artigo acadêmico-científico – organizamos o nosso trabalho em duas partes.

A primeira parte reflete sobre as mudanças ocorridas na sociedade contemporânea e o papel que os sistemas de ensino têm mediante este cenário. Procuramos, dessa forma, ressaltar a temática da interdisciplinaridade como importante ferramenta nos processos de ensino-aprendizagem, abordando brevemente questões referentes à conceituação e à possibilidade de aplicação da presente pesquisa como instrumento didático.

Posteriormente, apresentamos de que forma o diálogo entre a Literatura (poesia) e a Geografia (aspectos do espaço) podem ser viabilizados. Destacando, portanto, o espaço como objeto de estudo e abordando elementos de ambas as disciplinas que conduzam à uma leitura multifacetada, e que proporcione inquietações enquanto contínuo aprendiz no infinito universo do conhecimento.

Na segunda parte, apresentamos uma breve resenha da biografia da autora Florbela Espanca (1894-1930), e, em seguida, faremos uma abordagem do diálogo interdisciplinar que se apresenta em alguns poemas de sua autoria. Por fim, nas considerações finais, expomos os comentários e análises que comprovam dados investigados nesta pesquisa.

## **2 ENUNCIÇÕES SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE**

A educação é um pilar substancial que corrobora a formação de cidadãos críticos e atuantes nos mais diversos âmbitos da sociedade. Portanto, é indispensável que uma das preocupações da Escola, enquanto instituição, seja desenvolver nos alunos as competências necessárias para conseguirem lidar com as mais diversas demandas cotidianas.

Nessa perspectiva, estes fatores exigem um posicionamento inovador por parte do sistema de ensino que conduzam à uma ruptura dos métodos tradicionais. Diante deste cenário, evidenciam-se alguns elementos que vêm sendo incorporados ao processo de ensino-aprendizagem, tais como: interdisciplinaridade, multiculturalismo, ferramentas tecnológicas, dentre outras.

Abordaremos, especificamente, as questões inerentes à interdisciplinaridade, que tem sido tratada por dois grandes enfoques: o epistemológico e o pedagógico. Ater-nos-emos apenas ao enfoque pedagógico, visto que, nele discutem-se fundamentalmente questões de natureza curricular e de ensino-aprendizagem escolar, exercendo, desta maneira, um papel de grande relevância para esta pesquisa.

Quando falamos em interdisciplinaridade surgem várias vertentes sobre o tema, visto que, esse é um dos campos do conhecimento que mais tem se desenvolvido dentro das Ciências Humanas. Desde o seu surgimento no Brasil, – na década de 1970 - muitos autores se dedicaram a estudá-la. No entanto, quanto à definição, há uma polissemia que circunda o termo, ou seja, existem diversas interpretações para o seu conceito.

Do ponto de vista conceitual, analisamos as considerações de dois estudiosos da área: Japiassu (1976) e Fazenda (2009). Revisitamos a literatura para entender os conceitos e suas respectivas evoluções. Contudo, não pretendemos unificá-los, pois como retratado anteriormente, é um termo que evoca uma pluralidade de significados e mais importante do que conceituar é refletir acerca do processo interdisciplinar de forma diacrônica.

Conforme Hilton Japiassu (1976), a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto. O autor revela que, seu maior objetivo era fornecer instrumentos que resultassem em uma reflexão sobre os principais problemas nas Ciências Humanas.

Para Ivani Fazenda (2009, p. 51) “as questões da interdisciplinaridade precisam ser trabalhadas numa dimensão diferenciada de conhecimento que não se explicita apenas no nível da reflexão, mas, sobretudo, no da ação”. A autora ainda endossa que esta ação precisa imprimir legitimidade aos princípios, estratégias e procedimentos, além de patentear práticas de intervenção educativa.

De acordo com estas considerações, podemos depreender que, inicialmente, a interdisciplinaridade surgiu como uma ferramenta caracterizada majoritariamente pela reflexão. Todavia, é pertinente ressaltar que com o decorrer das décadas e a periódica mutação nos setores educacional e social, fez-se necessário engajar a teoria interdisciplinar no campo da ação; tendo em vista que, a fundamentação teórica quando não praticada torna-se inválida.

Assim, a natureza interdisciplinar se lança para além dos enunciados e dos discursos ao propor concretizar o conhecimento, fornecendo um conjunto de habilidades e competências que ofereçam ao indivíduo direção e autonomia. Neste ponto, a

interdisciplinaridade mostra-se um elo indispensável entre o homem e o mundo, pois a singularidade oferecida por ela permite ao sujeito captar melhor o seu papel enquanto agente histórico inserido em um corpo social.

Acreditamos, genuinamente, que os benefícios desenvolvidos através da interdisciplinaridade trazem ao homem um saber consciente, a convicção de que não somos apenas produtos que habitam na sociedade, tampouco meros receptores. Portanto, passamos a assumir o lugar de protagonistas, produtores e, dessa forma, a interdisciplinaridade emite uma luz capaz de erradicar a cegueira, outrora, causada pelo obscurantismo cultural.

Recordando os conceitos assumidos pelos autores anteriormente citados, é conveniente afirmar que assuntos inerentes à educação apresentam grande longevidade e evolução, além de serem caracterizados pela polissemia e inquietação dos conceitos pré-moldados. Não pretendemos unificar e estabelecer uma definição, mas conduzir à constatação de que há uma diversidade de análises complexas que vêm sendo amadurecidas e operando favoravelmente no âmbito da educação.

Em vista disso, fundamentamos que a prática interdisciplinar se estabeleceu como uma ferramenta alternativa à excessiva desintegração disciplinar. Ao compreender a vasta dimensão de conhecimento que temos disponível, atingimos o âmago do objetivo interdisciplinar que tenciona, essencialmente, sobrepujar a fragmentação do infindável território do saber e estimular incessantemente o desejo de aprender.

Isto posto, certifica-se que, a interdisciplinaridade é uma opção de prática metodológica fundamental na resistência à soberana homogeneidade que domina o processo de ensino-aprendizagem nas salas de aulas da Educação Básica. Ao fundir as disciplinas, este mecanismo mostra que há outras formas de refletir e agir, implicando, dessa forma, numa posição ativa, crítica e questionadora do aprendiz para consigo, para com o mundo e com o próprio conhecimento.

## **2.1 Interdisciplinaridade como ferramenta didática**

Averiguamos anteriormente que, a temática da interdisciplinaridade vem sendo debatida e vista como uma promissora proposta para integrar o processo de ensino-aprendizagem. Mesmo com todas as discussões que cercam o tema, ainda há muitos equívocos quanto à sua aplicabilidade. Com efeito, o método tem sido, por vezes, mal explorado e, conseqüentemente, não alcançado o objetivo de levar o aluno à uma visão abrangente da realidade.

Refletindo, primeiramente, no processo repetitivo do ensino, notamos a ausência da integração entre os conteúdos. Tendo em vista que, os alunos decoram os conteúdos para, na maioria das vezes, marcar o x da questão, porém, é um conhecimento ilusório que mais adiante se esmiúça. Portanto, se a interdisciplinaridade for mal aplicada não trará resultados diferentes dos anteriormente citados, inclusive, pode gerar uma sobrecarga de atividades que resultará em muito cansaço por parte dos professores e alunos.

Faz-se necessário, antes de tudo, a compreensão de que, a escola não é um fim em si mesma, ela é o meio que opera como potencializadora dos agentes que transformarão a sociedade nas mais diversas esferas. Consoante Fazenda (2008), o mundo atual é envolvido pelas exigências de um contexto globalizante, por isso, é importante repensar as reivindicações geradoras do fenômeno interdisciplinar e suas origens, – que desencadearam uma nova ordem de pensar sobre o homem, o mundo e as coisas do mundo – que se encontra em franca efervescência.

Entendido isto, avançamos para a reflexão do planejamento pedagógico que, também não pode ser visto apenas como uma obrigação do cumprimento da grade curricular, para no final do processo avaliar o aluno e atribuir-lhe uma nota. Dessa forma, concordamos com Morin (2000), quando afirma que estamos rodeados de incertezas e o nosso universo em sala de aula não pode ser um limite para a construção do conhecimento; pois, assim, estamos construindo uma educação com alunos que não criam, não provam novas experiências e nem novas aprendizagens.

Destarte, ressaltamos que, a prática interdisciplinar não pode ocorrer apenas em um determinado momento, em um projeto que envolva duas disciplinas ou apenas em uma aula com caráter mais lúdico. Pois, equivocadamente, muitos professores entendem que ao trazer elementos dinâmicos para a sala de aula estão aplicando a prática interdisciplinar. É imprescindível que haja uma conscientização de que esse processo deve ser contínuo, é um ciclo interminável pela busca cada vez mais intensa e profunda do conhecimento. Visto que, as mudanças sociais não cessam. Logo, a interdisciplinaridade se mostra indispensável para que vivamos efetivamente nela e não apenas a visitemos.

A aplicação do ensino com múltiplas disciplinas não vai conduzir o aluno somente a pensar, mas, a partir de agora, haverá questionamentos sobre o modo de pensar. Ou seja, pensar sobre o que está pensando, analisar a forma de enxergar o mundo, pois: “Só uma caminhada reflexiva e crítica [...] permitiria o efetivo exercício da interdisciplinaridade” (FAZENDA, 2014, p. 66). Dessa forma, concordamos com o pensamento da autora, visto que,

os alunos passam a aprender a aprender, pois adquirem um saber contextualizado que é capaz de gerar criticidade e lucidez durante o processo de aprendizagem.

Assim, a efetiva abordagem de um objeto de estudo por mais de uma disciplina consiste em um processo reflexivo que conduz à prática. É um procedimento em que as barreiras entre as disciplinas são derrubadas, para que haja um diálogo e a necessidade acentuada de encontrar outros elementos necessários para a expansão acerca de alguma conjuntura. Concordamos com Fazenda (2008) ao afirmar que, a eliminação das barreiras entre as disciplinas é um gesto de ousadia, uma tentativa de romper com um ensino transmissivo e morto.

Ao efetuar o diálogo entre as disciplinas, ressaltamos que, não há nem hierarquização nem desvalorização entre as disciplinas. Posto que, entre o senso comum, geralmente, é atribuída uma escala de valores entre elas, de forma que se estabeleceu o pensamento de que há disciplinas mais importantes do que outras.

Portanto, o trabalho heterogêneo é focalizado no conjunto, na articulação das especificidades de cada uma, de maneira que, podemos analisar um mesmo objeto sob distintos pontos de vista e encontrar nessa análise reciprocidade e interação capaz de criar um elo que, outrora, jamais seria imaginado. Dessa forma, “Um dos principais pressupostos para se caminhar interdisciplinarmente é o diálogo [...] Este deve ser reflexivo, crítico, entusiástico, que respeita e transforma” (FAZENDA, 2008, p. 136). Em vista disso, essa conversação entre os componentes disciplinares visa, primeiramente, a desconstrução do ensino intelectualmente mórbido e alicerça, – através da reflexão crítica – um saber consciente de modo que o sujeito compreenda que ele é o receptor do conhecimento no primeiro momento; mas que, logo usará o que apreendeu e se tornará o detentor do conhecimento que, conseqüentemente, poderá aplicar em seu cotidiano. Essa ligação entre conhecimento e ação é reconhecida como *práxis*<sup>2</sup>.

Logo, a efetivação da prática interdisciplinar no seio escolar surge como um recurso que conduz em primeiro plano à desconstrução do aprender por aprender e, depois, conduz à uma aprendizagem crítica, – aprender a aprender – que será útil fora do ambiente escolar. Ademais, essa prática interdisciplinar auxilia a escola a ressignificar o fazer pedagógico em termos de didática, conteúdos, projetos e afins, em meio ao acelerado ambiente globalizado. Por fim, fica para os docentes a conscientização de que, o desafio faz parte do processo e

---

<sup>2</sup> *Práxis*: “**1.** Prática; ação concreta. **1.1** FIL. No aristotelismo, conjunto de atividades humanas, cuja manifestação mais representativa é a política, caracterizadas especialmente por sua natureza concreta, em oposição à reflexão crítica. **2.** Parte do conhecimento voltada para as relações sociais e as reflexões políticas, econômicas e morais” (Cf. HOAUISS & VILLAR, 2011, p. 748, grifos dos autores).

que, assumir um compromisso com a educação é estar diretamente contribuindo com a melhoria da sociedade ao preparar o aluno para o exercício ativo da cidadania.

## **2.2 Literatura e Geografia: um elo possível**

A sala de aula é um universo de interações sob todos os pontos de vista, inclusive no que diz respeito às trocas entre os profissionais da educação, portanto, nenhuma aula deveria ser igual. O aluno anseia por novidades, visto que, a demanda de inovações extraescolares é demasiadamente vívida, e, por isso, a escola deve proporcionar ao aluno essa constante interação.

Sob essa ótica, trazemos a percepção de que o contexto pedagógico separou a arte da ciência, enquadrando a arte no ramo da ficção e a ciência no da não ficção; como se ambas não pudessem, em algum momento, dialogar. Como viemos mostrando desde o início deste trabalho, uma das inquietações que marcam o período moderno, no âmbito educacional é, justamente, misturar esses saberes, outrora, separados. E, por mais pertencentes a universos distintos que pareçam, o nosso pensamento é de que arte e ciência estão mais ligadas do que aparentam.

Quando um professor de Geografia trabalha em sua aula com paisagem, por exemplo, ele almeja, no mínimo, que o aluno consiga enxergar além do óbvio, daquilo que está sendo exposto na imagem. Pois, o esperado é que o discente ouça os segredos a serem descobertos através dos traços que compõem a paisagem. A leitura da paisagem é uma leitura não verbal, cuja reflexão é resultado do conhecimento e das trocas cotidianas nas situações concretas da vida. Dessa forma, cada discente fará a leitura através da sua subjetividade.

Destarte, aspectos subjetivos e sentimentais começaram a ser considerados importantes para a Geografia por volta da década de 1970, com o surgimento da Geografia Humanista. Alguns geógrafos da época não obtiveram algumas respostas no tocante à relação do homem com o espaço. Assim, os estudiosos concluíram que os aspectos subjetivos deveriam ser considerados para o conhecimento científico geográfico. A partir de então, elementos como as experiências e sentimentos dos indivíduos começaram a fazer parte dos estudos geográficos.

Conforme Tuan (1976, p. 21), “a Geografia Humanista pretende contribuir para uma compreensão do mundo através do estudo das interações entre as pessoas e a natureza, englobando, nessa relação, os sentimentos e as ideias que envolvem o espaço e o lugar em que o homem está inserido”. Diante disso, os geógrafos tentaram aproximar o valor humano da

ciência geográfica a produção literária. Portanto, movidos por esta percepção, pretendemos entrelaçar estas disciplinas, estabelecendo o espaço como objeto de estudo e ponto de partida.

Para Milton Santos, em sua obra *Metamorfose do Espaço Habitado* (1988), o espaço é a configuração territorial dos objetos geográficos e seu conteúdo social, a vida que lhes dá sentido e os anima. De acordo com a ciência geográfica, todos os espaços são geográficos e resultam da ação do homem sobre o espaço. Isto posto, o autor supracitado afirma que alguns espaços se tornam singulares e específicos, a sociedade em movimento que habita os espaços é também marcadamente afetada por eles. Assim, há espaços que se tornam únicos.

Sob esta perspectiva, pretendemos ir além da descrição dos espaços e examinar de que forma cada indivíduo habita, se enraíza e se familiariza com determinados lugares. Gaston Bachelard, em sua obra *A Poética do Espaço* (1979), pode ajudar-nos a compreender esta relação individual na análise da imagem poética. Visto que, a análise de Bachelard (1979) não é da imagem poética como um todo, mas especificamente da imagem poética do espaço:

É preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’ [...] os verdadeiros pontos de partida da imagem, se os estudarmos fenomenologicamente, poderão dizer-nos concretamente quais são os valores do espaço habitado, o não-eu que protege o eu (BACHELARD, 1979, p. 200).

Comprendemos, portanto, que através dos espaços íntimos o inconsciente abriga lembranças concretizadas ao longo da vida, lembranças que solidificam as individualidades que formam o ser. Neste ponto, é possível identificar as singularidades que contribuem para a pesquisa geoliterária, encaminhando-a para o âmbito da base fenomenológica, porque “Só a fenomenologia – isto é, a consideração do início da imagem numa consciência individual – pode ajudar-nos a reconstituir a subjetividade das imagens e medir a amplitude, a força, o sentido da transubjetividade da imagem” (BACHELARD, 1979, p. 03).

É nesse sentido que, pretendemos explorar a “fenomenologia dos espaços íntimos” chamada por Gaston Bachelard de “topoanálise”, o qual a define como “o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima” (1979, p. 202). Ressaltamos que, a topoanálise também ganhou força e corpo nos estudos geográficos mediante YI-Fu Tuan (1974), que abordou o sentimento topofílico não apenas do ponto de vista da percepção, mas também, das atitudes e valores envolvidos nas relações com o meio ambiente:

A palavra ‘topofilia’ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de

expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 1974, p. 107, grifo do autor).

A partir dessa concepção, compreendemos que o espaço se torna um veículo que proporciona e/ou rememora acontecimentos emocionalmente significantes, que trazem à tona sentimentos: da infância, sonhos, apegos, imaginações, apreciações, etc. Mediante esses conceitos, podemos averiguar que tanto o professor de Literatura quanto o de Geografia possuem, nessa junção, uma importante ferramenta didática.

O ensino geográfico reflete a ação do homem no cotidiano com ênfase no raciocínio espacial, mas a partir de agora, expande-se o leque de possibilidades, cria-se uma via de mão dupla, na qual focalizamos não apenas a operação humana sobre o espaço; mas, os efeitos que o espaço causa no homem ao contemplar a realidade, ao analisar as impressões e a vida nele contida.

Por sua vez, a Literatura vai além da análise da arte pela arte e abrange elementos como sons, sensações, sentidos, que exprimem aspectos da experiência humana e criam significações únicas. A arte literária retrata a realidade de maneira que fornece ao indivíduo a possibilidade de vivenciar os eventos histórico-sociais através da subjetividade, acarretando a junção da realidade ao conhecimento científico. Dessa forma, a Literatura tem a capacidade de conduzir o indivíduo do particular ao universal, seja de uma forma sutil ou abrupta. Nessa perspectiva, arte e ciência juntas, expressam a condição humana e sua existência.

Então, acreditamos que, todos os sujeitos possuem uma particularidade comportamental que nem sempre são identificadas ou valorizadas dentro do ambiente escolar. Essa articulação, mediada a partir da análise dos espaços íntimos, permite a ambas as disciplinas a compreensão da espacialidade como parte de uma totalidade, na qual podemos examinar a ação do homem sobre e sob o espaço. Nesse rompimento de fronteiras, solidifica-se, portanto, um diálogo singular repleto de reciprocidade e fluidez.

Dessa forma, o professor deve atentar ao fato de que tudo está interligado, uma interação, outrora, vista como distante e/ou impossível, surge como essencial para o estudo de um determinado objeto. Portanto, é ingênuo acreditar que há uma real separação entre quaisquer que sejam as áreas do saber, por mais separadas que estas pareçam estar à primeira vista.

### 3 ANÁLISES E DISCUSSÕES

#### 3.1 Algumas notas sobre a autora

No dia 8 de dezembro de 1894, em Vila Viçosa – Portugal, nasce Flor Bela d’Alma da Conceição Espanca, filha de Antónia da Conceição Lobo e João Maria Espanca. Em 1903, registra-se o primeiro poema da poetisa intitulado *A Vida e a Morte*, demonstrando sua opção por textos melancólicos.

Em 1908, quando Florbela tinha 14 anos, sua mãe faleceu. Posteriormente, ingressa os estudos no Liceu de Évora. Todavia, os estudos foram interrompidos em 1913, pois no dia em que completou 19 anos, casou-se com Alberto de Jesus Silva Moutinho, seu colega de estudos.

Em 1918, após um aborto involuntário, se muda para Quelfes para tratar infecções em seu ovário e pulmões, consequências do aborto mal curado. Em junho de 1919, publica seu primeiro livro intitulado *Livro de Mágoas*, coletânea de trinta e dois sonetos.

Em abril de 1921 divorcia-se de Alberto Moutinho e dois meses depois casa-se com António José Marques Guimarães. Logo depois, dá início ao seu novo projeto que se concretizou em janeiro de 1923 com a publicação da coletânea de sonetos *Livro de Sóror Saudade*, composta de trinta e seis sonetos. Ainda em 1923 sofreu o segundo aborto involuntário.

Após acusações de abandono do lar e de ter insultado o marido de “malandro”, em junho de 1925, Florbela separa-se pela segunda vez. Em outubro deste mesmo ano, casa-se pela terceira vez, com Mário Pereira Lage. Em 1927, começou a compor os poemas da obra *Charneca em Flor* que foi publicado postumamente em 1931. Ainda em 1927, mais tarde, outra tragédia acometeu a sua vida, a morte precoce de seu irmão em um acidente de avião, fato que a levou pensar em suicídio. No dia do seu aniversário, em 1930, Florbela d’Alma da Conceição Espanca suicida-se em Matosinhos

Com um histórico familiar marcado por tragédias e mortes precoces, a poetisa teve uma infância e vida adulta atípicas. As tragédias que ocorreram em sua vida influenciaram diretamente a sua obra, por isso, a poesia de Florbela possui um caráter confessional envolto por um tom de amargura e tristeza. A poetisa cultivou gêneros diversos como contos, poemas e cartas. Mas, foi na composição do soneto que encontrou sua melhor expressão poética, como é explicitado a seguir:

O soneto se impõe, para Florbela, como um princípio de realidade: como parâmetro de ordenação e equilíbrio a ser alcançado, como um valor clássico que pode propiciar a justa medida, como rigor e disciplina que tendem a domar o desequilíbrio, enfim, como complemento dialético do desregramento que a dor provoca (DAL FARRA, 1985, p. 116).

Portanto, depreendemos, pelas palavras de Dal Farra (1985), que o soneto é a forma preferida da poetisa e a que mais lhe convém. Pois, possui uma forma fixa de grande força emotiva e prolonga o sentimento, sendo os dois últimos versos, principalmente, que acumulam maior intensidade.

Suas composições abordam temáticas densas como sofrimento, solidão, saudade e morte. Dal Farra (1985, p. 116) afirma que “Florbela tem necessidade de confessar a dor – e a dor pertence, portanto, a esse domínio fluido da desordem –, os atributos de loucura e de demência não lhe são estranhos”. Entretanto, em meio a esse turbilhão de sentimentos densos, há uma intensa busca em alcançar a felicidade, fato que traz uma relação paradoxal para a sua poesia, visto que, “Há, portanto, uma defasagem entre vida e literatura, precisamente entre vida e poesia, entre peso e leveza: daí nasce a dor” (DAL FARRA, 1985, p. 117).

Sua poesia confessional e sentimentalmente exacerbada lembrava o romantismo, todavia, Florbela Espanca não se ligou oficialmente a um movimento literário. Utilizando uma linguagem simples e subjetiva, a autora, por vezes, traz à tona uma carga de erotismo e sensualidade dentro de uma constante busca pela liberdade. Diante disso, Trevisan (2007) afirma que:

Para uma leitura em profundidade da obra de Florbela Espanca, devemos considerar que ela está em sintonia com o Romantismo e suas manifestações correlatas com as da dor, do amor, da morte, da melancolia, do gosto por cenários noturnos, do sonho, do pessimismo, da solidão, do saudosismo, do apego à natureza, de Deus. É no lirismo finissecular que recaem as opções estéticas de Florbela. Há no percurso de sua evolução poética afinidades eletivas provindas dessa fonte (TREVISAN, 2007, p. 42).

Levando em consideração o que discutimos até aqui sobre a referida poetisa, constatamos que, os escritos de Florbela são ligados à sua bagagem de vida, mas não se prendem unicamente ao passado. Há um desabafo constante, ela se sente oprimida pela cultura presente e chega a questionar o moralismo, o cristianismo e o matrimônio; temáticas que por vezes ela ironizou, provavelmente, por causa de suas experiências frustradas.

A autora lusitana foi protagonista em um contexto histórico marcado pelo anonimato e submissão da figura feminina. Além disso, é importante destacarmos que, o seu comportamento não condizia com o que se esperava de uma mulher do seu contexto sócio,

histórico, político e cultural. Pois, ela não correspondia ao estereótipo feminino da sua época, por isso, alguns a aclamavam, outros a criticavam, simplesmente por ela não atender ao padrão comum de representação da mulher portuguesa dos séculos XIX e XX.

Ademais, Florbela sentia-se incompreendida ora pela sociedade, ora por si mesma. Contudo, foi uma mulher com convicções à frente de seu tempo, se comparada com as demais mulheres do seu contexto. Pois, detentora de suas convicções ideológicas e sentimentais, se posicionava, criticava e procurava alertar aqueles que não enxergavam a sociedade com criticidade. Não se deixou silenciar por ser mulher e expôs em toda sua obra as angústias, fantasias e frustrações que a inquietavam. Por todos esses aspectos, Florbela Espanca é considerada uma poetisa de grande relevância para a Literatura Portuguesa.

### 3.2 Diálogo entre Literatura e Geografia

Estamos imersos em ambientes físicos e ideológicos que condicionam as nossas diferentes visões da natureza e linhas de interpretação dos espaços, visto que, a análise de um mesmo espaço é feita de diferentes formas por indivíduos distintos. Assim, consideramos que, é de suma relevância analisar o modo como nos sentimos, percebemos, estruturamos e avaliamos o mundo ao nosso redor.

Essas questões se mostram relevantes tanto para o ensino de Literatura quanto para o ensino de Geografia, porque ao analisar a dimensão ou a consciência subjetiva e a experiência vivida pelos indivíduos e grupos sociais, haverá uma compreensão das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico. Como afirma Tuan (1974), sem a autocompreensão não conseguiremos alcançar as soluções para os problemas ambientais nem, fundamentalmente, para os problemas humanos.

É nessa perspectiva de analisar, em primeiro plano, a consciência individual em busca da compreensão da consciência e do comportamento coletivos que, trilhamos a seguir o diálogo entre Literatura e Geografia através de alguns poemas selecionados da autora Florbela Espanca. O primeiro poema a ser analisado será “Paisagem”, que faz parte da coletânea *A mensageira das Violetas* (1999):

#### PAISAGEM

Uns bezerritos bebem lentamente  
 Na tranquila levada do moinho.  
 Perpassa nos seus olhos, vagamente,  
 A sombra duma alma cor do linho!

Junto deles um par. Naturalmente  
 Namorados ou noivos. De mansinho  
 Soltam frases d'amor... e docemente  
 Uma criança canta no caminho!

Um trecho de paisagem campesina,  
 Uma tela suave, pequenina,  
 Um pedaço de terra sem igual!

Oh, abre-me em teu seio a sepultura,  
 Minha terra d'amor e de ventura,  
 O meu amado e lindo Portugal!

O título do soneto denuncia o conteúdo do poema. Na primeira estrofe, o eu lírico descreve, com alguns detalhes, uma paisagem que admira. Observamos ao longo das estrofes que, a descrição é uma característica predominante no poema, cuja motivação dá-se através da apreciação estética do lugar, do efêmero prazer visual que se contempla.

Então, a esse respeito, YI-Fu Tuan (1974) afirma que:

As mais intensas experiências estéticas da natureza possivelmente nos apanham de surpresa. A beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido; é a antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou o sentimento afetivo por lugares que se conhece bem (TUAN, 1974, p. 108).

Assimilamos, pelas palavras de YI-Fu Tuan (1974), que construímos, de forma não perceptível, elos afetivos com determinados espaços que para nós são significativos. Nesse ambiente caracteristicamente bucólico, há uma típica cena campestre, na qual se veem animais bebendo água. Os advérbios “lentamente” e “vagamente”, denotam a calma do lugar e a serenidade com a qual o eu lírico detalha aquela paisagem. Pois, “toda grande imagem é reveladora de um estado de alma [...] Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, fala de uma intimidade (BACHELARD, 1979, p. 243).

Analisando a expressão “alma cor do linho”, presente no último verso da primeira estrofe, contempla-se o rústico e o delicado. Posto que o linho é um tecido que simboliza conforto e elegância, tal tecido pode ter sido empregado para metaforizar aquele ambiente bucólico, pois, ao mesmo passo que era campestre, também era dotado de conforto e tranquilidade. De igual forma, “a alma cor de linho” representa certa placidez, visto que, este tecido era utilizado pelos pastores majoritariamente na cor “cru”, que à luz do dia era quase imperceptível, suave e discreta.

Na segunda estrofe, novos componentes da paisagem são descritos. Apresenta-se um casal de camponeses apaixonados que trocam declarações de amor, e há uma criança que canta no caminho. Esta paisagem é envolta de harmonia, sutileza e serenidade em todos os

aspectos, quando o leitor consegue vislumbrar a descrição e sentir a calma daquele lugar. Este cenário nos conduz à reflexão de que “A paisagem é história congelada, mas participa da história viva” (SANTOS, 2006, p. 69), pois abriga a vida que, outrora, tornou vívido aquele lugar.

No primeiro terceto, ratifica-se o trecho de uma paisagem campesina, daquelas que são retratadas em telas e adornam as casas para rememorar e simbolizar a singularidade de um pedaço da terra sem igual. “Uma paisagem pintada na parede, no entanto, tem o efeito de abrir uma janela, através da qual uma pessoa pode penetrar no plano vertical e contemplar o horizonte lá fora” (TUAN, 1974, p. 155).

Na última estrofe, o sujeito lírico exalta a sua terra natal, caracterizando-a como terra de amor, de ventura, uma terra que é amada. Esse sentimento de patriotismo que ocorre pela terra natal e, conforme descrito no poema, sucede em áreas específicas e não engloba toda a extensão territorial. De igual forma, o sentimento topofílico é manifestado, pois, consoante YI-Fu Tuan (1974), durante a sua vida, o homem somente pode estabelecer raízes profundas em uma pequena parte do mundo. Isto é, em ambientes compactos que, são reduzidos às necessidades biológicas do homem e às capacidades limitadas dos sentidos, pois, para viver bem, o homem deve ver algum valor em seu mundo.

O próximo poema a ser analisado tem por título “Minha Terra” e integra a coleção de poemas denominada *Charneca em flor* (1931).

#### MINHA TERRA

Ó minha terra na planície rasa,  
Branca de sol e cal e de luar,  
Minha terra que nunca viu o mar  
Onde tenho o meu pão e a minha casa...

Minha terra de tardes sem uma asa,  
Sem um bater de folha... a dormir...  
Meu anel de rubis a flamejar,  
Minha terra mourisca a arder em brasa!

Minha terra onde meu irmão nasceu...  
Aonde a mãe que eu tive e que morreu,  
Foi moça e loira, amou e foi amada...

Truz... truz... truz... Eu não tenho onde me acoite,  
Sou um pobre de longe, é quase noite...  
Terra, quero dormir... dá-me pousada!

Assim como no poema anterior, este soneto centraliza a afeição pela terra. Contudo, diferente da apreciação estética e do deslumbre do eu lírico por uma paisagem campesina,

neste, temos um andarilho que percorre a extensão territorial e descreve as cenas que contempla aglutinando aspectos físicos e subjetivos do lugar.

Na primeira estrofe, são descritas algumas características físicas da terra, quando compreendemos que ela é plana, que possui um sol e luar marcantes e que nela há ausência do mar. Destarte, vimos anteriormente que, o sentimento topofílico ocorre nos chamados espaços íntimos e o eu poético evidencia, na primeira estrofe, que nesta terra se situa a sua casa e este fato atribui relevante valor para o apreço aquele lugar. O espaço da casa, citado no poema, é fundamental na análise subjetiva da terra, pois a casa é um dos elementos que tornam aquela terra especial, a terra abriga a casa que, por conseguinte, abriga o ser.

A casa é um elemento importante, pois investimos parte da vida emocional na casa, – lar – pois ela é símbolo de refúgio e proteção das perplexidades do mundo exterior. “Nossa casa, compreendida em seu poder onírico, é um ninho no mundo. Viveremos dentro dela com uma confiança inata, tão verdadeiramente participamos, em nossos sonhos, da segurança de nossa primeira morada” (BACHELARD, 1979, p. 264).

Dando continuidade, a partir da descrição geográfica da terra que se sucede na segunda estrofe, notamos o relato da ausência de aves acompanhada de uma escassez de ventos que movam as folhas. Assim, depreendemos que, aquela terra apresenta um clima árido, seco.

Na terceira estrofe, o tom intimista volta à cena, a terra volta a simbolizar elementos pessoais do passado ao evocar memórias importantes. Foi naquela terra que seu irmão e mãe morreram, – as pessoas mais importantes de sua vida – mas nem só os infortúnios marcam as lembranças, pois, destaca-se que também foi naquela terra que sua mãe amou e foi amada. Aqui, o espaço é tudo, pois é através dele que a memória é aguçada, que voltamos no tempo, que revivemos sensações, que temos lembranças capazes de atingir níveis até mesmo sensoriais e despertar os sentimentos topofílicos originados na imagem da terra.

Com relação ao que discutimos acima, YI-Fu Tuan (1994) nos diz que:

O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época (TUAN, 1974, p. 129).

Ademais, a última estrofe marca o fim da caminhada do eu lírico andarilho. Dessa maneira, a repetição da onomatopeia “truz” faz referência a três batidas na porta a pedido de abrigo, pois, subentende-se que o sujeito andou pela terra durante todo o dia, mas agora,

estava impedido de descansar. Sobre isto, Maria Dal Farra (1985, p. 113) aponta que: “a terra, para Florbela, é um símbolo de interdição e sufocamento”. Assim, averiguamos que o soneto é findado com um desfecho melancólico, visto que, no final do poema, o eu lírico sente-se desabrigado em sua própria terra.

Além disso, as lembranças são elementos primordiais no aprofundamento psicológico dos lugares descritos, tendo em vista que, através delas, a sensibilidade que marca os espaços não é esquecida. Assim, por mais que a descrição atual do ambiente físico não seja a mesma, o valor afetivo é imutável. Independentemente do tempo decorrido, elementos como “a casa” e “os personagens” do passado têm o protagonismo, porque é o espaço que instiga a memória. Portanto, sobre essa tese, Gaston Bachelard (1979, p. 202) afirma que: “o espaço retém o tempo comprimido, o espaço serve para isso”.

O poema que finaliza esta parte de nossas análises tem por título “A nossa casa”. E, assim como o poema anterior, também integra a obra *Charneca em flor* (1931).

#### A NOSSA CASA

A nossa casa, Amor, a nossa casa!  
Onde está ela, Amor, que não a vejo?  
Na minha doida fantasia em brasa  
Constrói-a, num instante, o meu desejo!

Onde está ela, Amor, a nossa casa,  
O bem que neste mundo mais invejo?  
O brando ninho aonde o nosso beijo  
Será mais puro e doce que uma asa?

Sonho... que eu e tu, dois pobrezinhos,  
Andamos de mãos dadas, nos caminhos  
Duma terra de rosas, num jardim,

Num país de ilusão que nunca vi...  
E que eu moro - tão bom! - dentro de ti  
E tu, ó meu Amor, dentro de mim...

Estamos fazendo, desde o primeiro poema, a análise fenomenológica dos espaços íntimos e notamos que a terra natal e, principalmente, a casa, são lugares que têm notoriedade no que se refere a representar elos afetivos e abrigar a intimidade do ser humano. Neste último soneto, abordaremos com mais ênfase a temática da casa.

O primeiro quarteto é acentuado pelo devaneio acerca da intimidade que se desenrola na esfera doméstica – a casa. Para Gaston Bachelard (1979, p. 186): “O devaneio é uma instância psíquica que frequentemente se confunde com o sonho. Mas quando se trata de um devaneio poético, de um devaneio que frui não só de si próprio [...] sabe-se que não se está

mais diante das sonolências”. Neste desejo frenético, o eu lírico pede calorosamente que o objeto de sua cobiça seja num segundo construída.

Na estrofe seguinte, o segundo verso “O bem que neste mundo mais invejo?”, realça a obsessão do sujeito lírico pela casa devaneada. Contudo, essa perspectiva que coloca a casa como um bem tão prezado do mundo é quase unânime por indivíduos de diferentes sexos, idades, culturas e classes sociais. Ou seja, é um desejo quase inerente ao ser humano, porque ela traz a sensação de pertencimento a algum lugar e, portanto, não nos sentimos dispersos no mundo:

Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela [...] Caracterizam o aposento simples em sua atualidade, sem viver na verdade a sua primitividade, uma primitividade que pertence a todos, ricos e pobres, se aceitarem sonhar (BACHELARD, 1979, p. 200).

No início, após desejar a casa, o devaneio aguça os desejos que começam a se expandir, agora, um caminho com rosas e um belo jardim são idealizados. Assim, “esperamos fazer sentir toda a elasticidade psicológica de uma imagem que nos comove [...] pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, tocamos o fundo poético do espaço da casa” (BACHELARD, 1979, p. 201). Em síntese, a imagem da casa mostrou possuir um grande poder de integração capaz de instigar as aspirações do homem impulsionados pelo devaneio, como explicitado nas duas últimas estrofes.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo desse trabalho, procuramos evidenciar a importância da interdisciplinaridade como auxiliadora no processo de ensino-aprendizagem, cujo papel é possibilitar aos alunos a compreensão da realidade depreendendo que o todo é composto de partes fragmentadas. Logo, não é viável haver uma separação entre as áreas do saber, pois elas estão aglutinadas em nosso cotidiano.

Portanto, através de alguns poemas da autora lusitana Florbela Espanca, trilhamos o diálogo entre a Literatura e a Geografia, que teve como objeto de estudo o espaço. Contudo, a essência que configura esse espaço não foi pertencente ao conceito de espaço da Geografia Tradicional, tampouco, a definição de espaço que compõe os enredos literários.

Assim, o elo entre ambas as disciplinas ocorreu através da topoanálise, cujo objetivo foi analisar os comportamentos e sentimentos do homem em determinados lugares. Tendo em vista que, a experiência humana no mundo instituiu-se através da relação dicotômica entre o espaço e o tempo e que, por muito tempo, a ciência geográfica analisou o espaço de forma mais abrangente, sem investigar as singularidades que marcam os sujeitos em pequenos espaços.

Averiguamos, portanto, que o espaço se fundamenta como um elemento que faz parte da constituição do homem enquanto ser, pois todos os indivíduos atribuem valor a alguns espaços que integram a estrutura biopsíquica, emocional, memorial e afins. Seja o cantinho preferido da casa, um lugar que marcou a infância ou a cidade natal, o espaço é componente inseparável da constituição do ser. Pois, temos a necessidade de sentir que pertencemos a algum lugar, que temos raízes, que criamos laços afetivos desde que existimos e são os espaços íntimos que proporcionam o sentimento de existência e coexistência no mundo.

Concluimos, então, que a construção do conhecimento ocorre a partir das condições objetivas e subjetivas que se tem disponível, logo, as interações do sujeito com a realidade trazem aprendizagens significativas para a vida social. Todo sujeito é dúbio, ao mesmo tempo que é um ser biológico, é de igual forma subjetivo: as trocas cotidianas, as relações exercidas no mundo é o que torna cada ser único, sendo indissociável a relação humanista e metafísica.

Em suma, a apresentação dos saberes por disciplina continua sendo imprescindível, todavia, faz parte do desafio docente instigar os alunos a estabelecer ligações e destacar que, os temas trabalhados não se isolam de muitos outros que os alunos aprendem. Dessa forma, independentemente do tema a ser desenvolvido, a ação interdisciplinar implica um trabalho desafiador, contínuo e persistente, não se limitando a situações ocasionais. Porque quando o professor consegue conduzir o discente a novas significações, o ajudando a enxergar a realidade de outra maneira, afirmamos que, ele verdadeiramente está ensinando.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: **Os pensadores**. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **A condição feminina na obra de Florbela Espanca**. *Estudos Portugueses e Africanos – EPA*. São Paulo. Unicamp, n. 5, 1985. p. 111-122. Disponível em:

<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/epa/article/view/5474/5924>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2020. Às 20h e 19min.

ESPANCA, Florbela. **A mensageira das violetas**: antologia. Seleção e edição de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1999. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/v1cx>. Acesso em: 25 de maio de 2020. Às 22h e 44min.

ESPANCA, Florbela. **Charneca em flor**. Biblioteca Virtual de Literatura. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=7531](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=7531). Acesso em: 25 mai. 2020.

FAZENDA, Ivani. **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade e transversalidade**. *Revista Aprendizagem: a revista da prática pedagógica*. Ano 3, n. 14, 2009.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: pensar, pesquisar e intervir**. São Paulo: Cortez, 2014.

FRANCO, Max. Viagem técnica / cultural Finlândia 2020. In: **Educadores pelo mundo – Finlândia 2020**. 16 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.maxfranco.com.br/turismo/educadores-pelo-mundo-finlandia-2020/>. Acesso em: 13 março de 2020. Às 09h 33min.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss Conciso**. Instituto Antônio Houaiss. Organizador e editor responsável: Mauro de Salles Villar. São Paulo: Moderna, 2011.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessário à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

ROCHA, Luiz Antonio Batista da. **Biografia de Florbela Espanca Poetisa Portuguesa (1894-1930)**. Disponível em: [http://www.outorga.com.br/pdf/Livro37\\_Florbela\\_Espanca.pdf](http://www.outorga.com.br/pdf/Livro37_Florbela_Espanca.pdf). Acesso em: 10 de maio de 2020. Às 15h e 33min.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

TREVISAN, Silvia. **A metapoesia na obra de Florbela Espanca e Cecília Meireles**. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-27112009-120226/publico/SILVIA\\_HELENA\\_MIGUEL\\_TREVISAN.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-27112009-120226/publico/SILVIA_HELENA_MIGUEL_TREVISAN.pdf). Acesso em: 17 de maio de 2020. Às 10h e 45min.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1974.

TUAN, YI-Fu. **Geografia Humanística**. Transcrito dos *Annals of the Association of American Geographers*. v. 66, n. 2, junho 1976. p. 266-276. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1467-8306.1976.tb01089.x>. Acesso em: 21 de janeiro de 2020. Às 09h e 54min.